

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 31/08/2011.

ZÉLIA RAMONA NOLASCO DOS SANTOS FREIRE

**A CONCEPÇÃO DE ARTE EM LIMA BARRETO E
LEON TOLSTÓI: DIVERGÊNCIAS E
CONVERGÊNCIAS**

**ASSIS
2009**

ZÉLIA RAMONA NOLASCO DOS SANTOS FREIRE

**A CONCEPÇÃO DE ARTE EM LIMA BARRETO E
LEON TOLSTÓI: DIVERGÊNCIAS E
CONVERGÊNCIAS**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Maria Azevedo

**ASSIS
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Freire, Zélia Ramona Nolasco dos Santos
F866c A concepção de arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: divergências e convergências / Zélia Ramona Nolasco dos Santos
Freire. Assis, 2009
227 f. : il.

Tese de Doutorado– Faculdade de Ciências e Letras de Assis-
Universidade Estadual Paulista.

1. Literatura comparada. 2. Literatura – História e crítica. 3.
Barreto, Lima, 1881-1922. 5. Tolstói, Leão, graf, 1828 - 1910. I.
Título.

CDD 809
869.93
891.7

ZÉLIA RAMONA NOLASCO DOS SANTOS FREIRE

**A CONCEPÇÃO DE ARTE EM LIMA BARRETO E
LEON TOLSTÓI: DIVERGÊNCIAS E
CONVERGÊNCIAS**

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP
Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social

Presidente e Orientador

Profa. Dra. Sílvia Maria Azevedo

2º Examinador

3º Examinador

4º Examinador

5º Examinador

Assis, ____ de _____ de 2009.

*A Antonio,
Patrícia e Tales*

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho devo em grande parte ao auxílio e colaboração recebidos de algumas pessoas a quem agradeço. E, de forma particular, gostaria de manifestar minha gratidão.

Quero, em primeiro lugar, agradecer à UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela concessão da bolsa de pesquisa o que possibilitou meu afastamento integral das atividades de Ensino do Curso de Letras, da Unidade de Dourados, e assim pude privilegiar a Pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, Professora Sílvia Maria Azevedo, Doutora em Letras e Livre docente, machadiana confessa, pela orientação segura, paciente e confiante; pela palavra amiga e por me transmitir forças quando as minhas se esvaíam.

A leitura crítica dos professores Rosane Gazolla e Luiz Roberto Velloso do Cairo no Exame de Qualificação que foi imprescindível para a conclusão dessa pesquisa.

As Professoras Luisa Melo de Vasconcellos (UEMS) e Eva Mercedes Martins Gomes (UFMS), pela preciosa segunda leitura para a Banca de Qualificação e Defesa, respectivamente.

A Olga e André, casal que trabalha junto no “Última Hora”, com excelência na formatação e impressão de trabalhos acadêmicos e responsáveis por mais esse.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação da UNESP/Assis, Faculdade de Ciências e Letras, pelo pronto atendimento.

Aos funcionários da Biblioteca da UNESP/Assis: Lucelena, Aldo e Vânia pela presteza com que sempre me atenderam.

A Veronice Faria de Moura, ex-coordenadora do Curso de Letras de Amambai e ex-gere da Unidade de Dourados, pela companhia e amizade durante esses longos anos.

A Claudia Marisa, pela companhia nas viagens para UEMS/Amambai e pelo alto astral contagiante, e em especial, a sua mãe D. Mercedes, pessoa que carinhosamente me acolheu aqui em Assis.

Os cursos de Pós-Graduação propiciaram-me o conhecimento de muitas pessoas interessantes. Entre elas, Mariléia Gartner e Fátima Liuti, hoje amigas valiosas. Obrigada pelo afeto, pelo estímulo e pela alegria que vocês sempre proporcionaram.

Ao Marcos, pela atenção e carinho, que com seu jeitinho mineiro, sem querer querendo, veio para ficar nas terras de Mato Grosso do Sul.

Aos amigos que não tiveram tempo para ver esse momento:

Luiz Antonio Álvares Gonçalves, ex - reitor da UEMS, por ter acreditado no meu potencial e pelo apoio incondicional às minhas atividades docentes e aos meus projetos;

Eliane Fernanda da Cunha Ferreira, Doutora em Machado de Assis, pelo incentivo constante e que soube seguir a orientação deixada pelo mestre de que: “O melhor modo de viver em paz é nutrir o amor próprio dos outros com pedaços dos nossos”;

Sílvio Emerson Rompatto, técnico administrativo da UEMS e ex-acadêmico do Curso de Letras, jovem, inteligente e cheio de vida, pela colaboração irrestrita na realização dos eventos do Curso de Letras. Em nome do qual estendo meus agradecimentos a todos acadêmicos e ex-alunos, os que foram e os que são a mola propulsora da minha busca de conhecimento.

A grande família dos tios emprestados: D. Luísa e Sr. Laércio (in memória), pela carinhosa recepção em Tupã/SP; esse período de UNESP serviu também para reaproximação do sobrinho distante.

Como os de casa, acabam ficando sempre para o final, agradeço imensamente aos meus pais Paulo e Zilda que sempre acreditaram ser o conhecimento a melhor herança a ser deixada; aos meus irmãos: César e Paulinho, (nessa seqüência, a rima é melhor), pelo exemplo a ser seguido e pelo privilégio de ter na família dois Doutores em Literatura; às minhas irmãs: Meire, Tuca, Leila e Sinésia, amigas de todas as horas, e aos meus sobrinhos: Éder, Xinho, Neguinho, Rayanne, João Paulo, Letícia, Luiz Felipe e Isadora, pela bagunça aos domingos.

Ao Antonio Freire, meu companheiro e grande entusiasta, que muitas vezes deixou seu trabalho para acompanhar-me nas viagens para Assis e, também, pela divisão das tarefas na educação de nossos filhos, nos vários momentos em que estive ausente, pois, sem a sua ajuda esse trabalho não seria possível. E, aos meus filhos: Patrícia e Tales, razão da minha vida e aos quais espero ter deixado o exemplo de que nada é impossível. Esta tese também é de vocês. Enfim, agradeço a Deus por mais essa conquista!

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si.

(BARRETO, “Clara dos Anjos”, 1956, p. 33).

Eu cumpri com o melhor das minhas capacidades este trabalho que me ocupou por quinze anos, sobre um assunto próximo a mim – o da arte. Ao dizer que este assunto me ocupou por quinze anos eu não quero dizer que comecei a escrever sobre arte quinze anos atrás, pensando que, uma vez que me incumbi da tarefa, eu deveria ser capaz de cumpri-la sem interrupção. Provou-se, no entanto, que as minhas visões sobre o assunto estavam tão longe de serem claras que não conseguia arranjá-las num modo que me satisfizesse. Desde aquela época jamais parei de pensar sobre o assunto e recomecei a escrever seis ou sete vezes; mas, toda vez depois de ter escrito uma boa parte, via que era incapaz de levar o trabalho a uma conclusão satisfatória e era obrigado a deixá-lo de lado. Agora acabei e não importa o quão mal eu tenha realizado a tarefa, a minha esperança é de que o meu pensamento fundamental sobre a falsa direção da arte que a nossa sociedade tomou e está seguindo, sobre as razões disso e sobre o real destino da arte, esteja correto, e que por isso o meu trabalho não seja sem utilidade.

(TOLSTÓI, “O que é Arte?”, 1994, p. 153).

FREIRE, Z. R. N. dos S. *A Concepção de Arte em Lima Barreto e Leon Tolstói: divergências e convergências*. 2009. 227 f. Tese (doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009.

RESUMO

A presente tese tem por objetivo avaliar a concepção de arte dos escritores Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e Leon Tolstói (1828-1910) sob um viés comparatista, em busca das divergências e convergências entre ambos. Concepção de arte que apresentam nas respectivas obras, “O destino da literatura” e *O que é Arte?*. Os escritores desempenharam o papel de “semeador de idéias” e de “batedor do futuro” ao se posicionarem contrários aos “mandarins literários”. Uma arte voltada para o social, aliás, uma literatura militante. Lima Barreto criou uma arte literária que rompeu com os moldes convencionais na virada do século XIX, que tinha como principais representantes: Machado de Assis, Rui Barbosa, Coelho Neto, entre outros; enquanto Leon Tolstói rompeu com a poética romântica e o realismo francês. Ambos foram, terminantemente, contrários à estética da arte pela arte. A referência aos escritores russos é constante na obra barretiana, até porque Lima Barreto jamais omitiu suas leituras. Desde o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o primeiro a ser escrito por Lima, é possível detectar a presença de Leon Tolstói. Presença essa que permeia todo o projeto literário de Lima Barreto e que se faz sentir através da posição que ambos assumem em relação a temas em comum, tais como: a Propriedade, a Igreja, o Estado, a educação da mulher, o serviço militar obrigatório, entre outros. Revelando assim, um eixo em comum: o ideário anarquista. Mas, principalmente, por refletirem sobre a função da literatura e o fazer literário.

Palavras-chave Literatura Comparada, Lima Barreto, Leon Tolstói, Romance Realista, Crítica Literária.

FREIRE, Z. R. N. dos S. *The Conception of Art in Lima Barreto and Leo Tolstoi: agreements and disagreements*. 2009. 227 p. Doctoral dissertation (D. Litt.) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009

ABSTRACT

This dissertation was carried out to evaluate the conception of art found in the works of Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) and Leo Tolstoi (1828 -1910) according to a comparative point-of-view, in order to find out agreements and disagreements between them. Conception of art found in their works “*O destino da literatura*” and “*O que é Arte?*”. Both writers played the role of “sowers of ideas” and “beaters of the future” as they put up opposition to the so-called “literary mandarins”. An art oriented to the social issue, that is, a militant literature. Lima Barreto created a literary art which broke off the ties with conventional models in the turn of the 19th century, whose main representatives were Machado de Assis, Rui Barbosa, Coelho Neto, among others; Leo Tolstoi, in his turn, broke off the ties with Romantic poetry and French Realism. Both were utterly opposed to the esthetics of art for art’s sake. References to Russian writers are often found in Lima Barreto’s works, since he never omitted his readings. As early as his first novel *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, one can notice Leo Tolstoi’s influence. Influence which permeates all of his literary project and which is felt through the opposition both writers assume in connection with issues they have in common such as: Property, the Church, the State, women’s education, obligatory military draft, among others. Thus, they showed the axis they had in common: the anarchist belief system. But, mainly, because they pondered over the function and the making of literature.

Keywords: Comparative Literature, Lima Barreto, Leon Tolstoi, Realist Novel, Literary Criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 LIMA BARRETO E OS ESTUDOS COMPARATISTAS	18
1.1 Lima Barreto e Machado de Assis	25
1.2 Lima Barreto e Coelho Neto	34
1.3 Lima Barreto e Euclides da Cunha	36
1.4 Lima Barreto, Gógol, Dostoiévski e Leon Tolstói	40
2 LEON TOLSTÓI NO BRASIL	54
3 AS IDEIAS ESTÉTICAS DE LIMA BARRETO E LEON TOLSTÓI	82
3.1 Lima Barreto	83
3.2 Leon Tolstói	88
3.3 Lima Barreto, Leon Tolstói e o Ideário Anarquista	95
3.4 “O Destino da Literatura”	104
3.5 “O que é Arte?” (1898)	111
4 LIMA BARRETO E LEON TOLSTÓI NAS TRINCHEIRAS LITERÁRIAS: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS	118
4.1 A Função Social da Literatura: Comunicação, Ligação e Comunhão entre as Pessoas	120
4.2 O Sinal da Arte: O Poder de Contágio	128
4.3 Linguagem Literária Rumo ao Procedimento de Singularização	131
4.4 Semelhanças de Estilo, Sentimentalismo e Temas Recorrentes em Leon Tolstói e Lima Barreto	146
4.5 Rastros de Leon Tolstói em <i>Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá</i>	172
CONCLUSÃO	178
BIBLIOGRAFIA	183
APÊNDICES	198

INTRODUÇÃO

ENTRE O DESLEIXO E A GENIALIDADE

No “curso da vida e das leituras”; assim, obtive contato com a obra do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto. Desde 1999, ainda na Graduação, tenho me dedicado a esse estudo, realizando cursos de Especialização, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul / Campus de Dourados e Mestrado, na Unesp, de Assis (2003). Dada a riqueza da obra barretiana, e considerando outros caminhos teóricos, observados durante os trabalhos anteriores, mas não totalmente explorados, principalmente os relacionados à Literatura Comparada, o arquivístico e os Estudos Culturais, amplia-se o leque de investigações para o estudo das relações literárias do escritor.

De início, o que me atraiu para o estudo da obra do escritor Lima Barreto foi a leitura do “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, obra que marcou, e acredito que ainda marca, o leitor, pela sinceridade com a qual o escritor retrata o ser humano, especialmente o sofrimento e a tristeza humana. Aliás, não me recordo de encontrar, retratada em sua obra, alguma cena de alegria, o que não quer dizer que a obra barretiana seja feita somente de tristezas. Mais tarde, no Mestrado, cursei a disciplina “Tópicos especiais: realismo urbano”, ministrada pelo professor visitante J. R. Oakley, da Universidade de Birmingham (Inglaterra), o que contribuiu para reforçar minha opção por Lima Barreto e possibilitou o conhecimento de obras literárias, até então, ignoradas na graduação de Letras. Embora de forma não aprofundada, pois, de outro modo não teria sido possível, porque a disciplina ocorreu de forma condensada, ela me possibilitou saber com quais leituras devo ocupar-me futuramente. Atribuo o sucesso alcançado pela disciplina ao amplo conhecimento, demonstrado pelo professor Oakley, sobre literatura brasileira, e, também, ao fato de ele ser um grande estudioso da obra de Lima Barreto.

Assim, na dissertação do Mestrado, procurei reavaliar a trajetória literária de Lima Barreto, considerando o contexto histórico da virada do século XIX e a recepção crítica do escritor. Destinei um capítulo, “Encontros e desencontros”, para tratar das relações literárias do escritor com Machado de Assis e seus contemporâneos: Coelho Neto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. Apesar de Machado de Assis ter falecido quando Lima despontava para a carreira literária e não existir registro de que os dois tenham tido algum contato, logo, a crítica

estabeleceu uma oposição irremediável entre os dois: Machado firmou-se como o escritor oficial; Lima, o maldito. É notório, na obra barretiana, que Lima sempre fez questão de citar suas fontes, isto é, os autores e as obras que leu ou a quem fez referência; já, quanto a Machado de Assis, Lima Barreto tinha por ele forte rejeição.

A Crítica literária, quando não ignorava Lima Barreto, considerava-o “desleixado”, recalçado ou alcoólatra e não percebeu o caráter inovador da obra barretiana: uma linguagem esteticamente revolucionária, se confrontada aos padrões vigentes no período em questão. Em função disso, a obra barretiana foi relegada pela crítica oficial e taxada de memorialística e autobiográfica, características que a conceituavam como literatura menor.

Como resultado dessa aproximação de Lima Barreto aos seus contemporâneos, vimos que a avaliação crítica, na maioria das vezes, deixou o escritor em segundo plano, sobretudo no que se referia à questão do estilo. Esse é um dos fatores da não compreensão da obra barretiana pela crítica do período, pois, para Lima Barreto, o importante era a sinceridade do escritor e a urgente necessidade de atingir um maior número de leitores de forma direta, sem rodeios, isto é, uma literatura do povo para o povo. Contrariava, assim, o culto à linguagem acadêmica em vigor, que tinha Machado de Assis, Rui Barbosa e Graça Aranha como principais representantes do bem escrever. Não compreenderam, os críticos, que, ao apresentar deslizos de sintaxe e de estilo, Lima Barreto iniciava uma nova fase da literatura brasileira. Esse foi o meio que o escritor utilizou para romper com as estéticas parnasiana e simbolista presentes no final do século XIX e início do século XX. Posicionou-se contra a estética da “arte pela arte”, concepção parnasiana de que a arte deve estar descompromissada da realidade, mais voltada para a perfeição formal. Essa ideia está explícita na conferência literária “O destino da literatura”, juntamente com as indicações de leitura que deram suporte e embasamento teórico a Lima Barreto.

No texto referido, Lima cita autores e obras que demonstram os pressupostos estéticos barretianos, enfatizando, sobremaneira, a obra “O que é Arte?”, de Leon Tolstói. O fato despertou-me a atenção, visto que Lima faz referência aos escritores russos com certa frequência em sua obra; portanto, pesquisar as relações literárias de Lima Barreto com os autores russos, mais, especificamente, com Leon Tolstói, deve contribuir para ampliar as possibilidades de compreensão da obra barretiana. Com isso, vi a oportunidade de dar sequência ao estudo de Lima Barreto, no Doutorado, uma vez que uma das suas exigências é fazer algo inédito, e, até aquele momento, não tinha conhecimento de que alguém já o tivesse feito.

Ao analisar, porém, a fortuna crítica de Lima Barreto, deparei-me com alguns estudos que abordavam, de certo modo, sua relação com os escritores russos e, por extensão, Leon Tolstói, mas sem, contudo, aprofundar a investigação. Entre os estudos encontrados está o de Anoar Aiex, “As idéias sócio-literárias de Lima Barreto” (1990), que procurou “[...] fazer um levantamento das principais noções que, até certo ponto, formam o arcabouço ideológico de Lima Barreto” (AIEEX, 1990, p. 7). Em síntese, Aiex aborda a relação de Lima com os temas que mais preocuparam o escritor, entre eles: anarquismo, comunismo, feminismo, outros.

O segundo estudo, o ensaio “Lima Barreto e o romance russo” (1996), de Maria Angélica Madeira, afirma que Lima encontrou, na literatura russa, os elementos para a formulação de uma “estética da sinceridade”. A crítica procura demonstrar, também, como Turguênief, Leon Tolstói, Górkí e, principalmente, Dostoiévski comparecem, não só na biblioteca do escritor e em cartas, como no diálogo que a obra barretiana estabelece com esse filão da “literatura do subterrâneo”. Constata-se que, Madeira, em seu ensaio, aproxima Lima Barreto muito mais a Dostoiévski do que a Leon Tolstói.

O terceiro, o texto de Maria Salete Magnoni, dissertação de Mestrado, “Um dissidente na República das Letras: as idéias libertárias em Lima Barreto”, de 1998, teve por objetivo “[...] traçar um esboço de retrato intelectual de Lima Barreto, para então examinar a presença das idéias libertárias em sua formação intelectual” (MAGNONI, 1998, p. 2). O estudo de Magnoni aproxima-se, em parte, do de Aiex, por voltar-se para Lima Barreto e Leon Tolstói através do ideário anarquista.

Desse modo, propus-me a investigar a relação entre a concepção de arte de Lima Barreto e a de Leon Tolstói. Muito embora não constitua algo inédito, pois as relações literárias de Lima com os escritores russos estão explícitas em sua obra. Trata-se, portanto, de algo a ser feito, uma vez que os poucos estudos encontrados abordam essa relação superficialmente. Na obra de Lima Barreto, há um terreno fértil para essa aproximação, daí a possibilidade de explorar essa relação: Lima Barreto e Leon Tolstói, de forma mais conclusiva.

Sendo, assim, é importante destacar dois estudos aos quais recorri por tratarem o assunto de forma sistemática. O primeiro, da pesquisadora Alice Áurea Penteadó Martha (1995), que apresenta um inventário crítico sobre o escritor Lima Barreto; o segundo, do pesquisador Bruno B. Gomide, mais recente, que trata do romance russo de forma geral: “Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)”, de 2004. Esses estudos tornaram-se referência obrigatória para todos que pretendem estudar Lima Barreto e a literatura russa.

Uma vez delimitado o objeto, foi preciso definir a linha teórico-metodológica da pesquisa, que mais se apresenta como um desafio do que como solução: o comparativismo literário. Isto é, sob a ótica da Literatura Comparada, porém, não mais no sentido da Literatura Comparada tradicional, que se estabelecia na questão binária de fontes e influências, mas, sim, voltando-se para a questão da intertextualidade que, segundo Julia Kristeva. “Todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto(s)” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Constata-se, assim, que a leitura intertextual substitui o tradicional estudo das fontes e influências. Nesse sentido, o comparativismo literário proporciona uma (re) leitura de Lima Barreto, não como devedor ou, simplesmente, como quem sofreu a influência de Leon Tolstói, mas possibilitando mostrar, além das semelhanças, também as diferenças entre ambos. E, com isso, ressaltar o que existe de singular na literatura de Lima Barreto, que, mesmo contrariando a crítica de sua época, estabelece-se como precursor das características modernas da narrativa. Acrescenta-se que o diálogo que a obra barretiana mantém com outros textos é uma das características que denota sua modernidade.

Ao acompanhar o percurso histórico do comparativismo literário, desde os seus primórdios, constata-se certa instabilidade no método, que parece estar em frequente estado de evolução, sofrendo mudanças e adaptações, de acordo com o espaço e o tempo. Trabalhar com o confronto e a comparação de textos literários é um recurso consideravelmente antigo, do qual a crítica especializada se tem utilizado com frequência e que, conforme podemos constatar, já fazia parte das avaliações críticas feitas a Lima Barreto.

Antonio Candido, no texto intitulado “Literatura Comparada”, afirma que “[...] estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (CANDIDO, 1993, p. 211). Essa afirmativa vem reforçar o que foi dito anteriormente sobre a situação de instabilidade da literatura comparada e, também, da crítica literária, uma vez que a produção literária, no Brasil, esteve sempre muito dependente dos exemplos externos, não só na forma como se escrevia, como se avaliava, mas, ainda, sobre “o que” se escrevia. O paralelo, entre os escritores brasileiros e os autores estrangeiros, tem sido, desde a origem da crítica até os nossos dias, um dos critérios utilizados para caracterizá-los e avaliá-los. Junta-se a ele a referência, que surge como técnica de caracterização crítica. Segundo Candido, isso não ocorria em contextos formalmente comparatistas, até porque ainda não se falava em literatura comparada, o que demonstra a existência de uma vocação comparatista como algo extensivo à própria atividade crítica no Brasil.

É importante ressaltar que a “[...] comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim” (CARVALHAL, 1999, p. 7). Apesar de a comparação não ser exclusiva da literatura comparada, o que irá caracterizá-la, como tal, será seu emprego sistemático, uma vez que o método (ou métodos), conforme Carvalho, não antecede à análise, mas dela decorre.

Recorrer-se-á, se necessário, aos recursos oferecidos pela Crítica Literária, Teoria da Literatura, Estudos Culturais, etc.; visto que, Carvalho (1999) reconhece a utilização do rótulo *literatura comparada* como designação de um amplo e variado leque de investigações diferentes, enquanto objeto de análise e enquanto metodologia.

Por fim, partindo da constatação de que a obra barretiana é terreno fértil para se pesquisar as relações literárias do escritor, este estudo visa avaliar, pelo viés comparativo, o quanto a concepção de arte de Lima está relacionada à concepção tolstoiana de arte. Essa concepção, ao que parece, justifica e embasa todo o projeto literário de Lima, que se volta para uma literatura militante. Uma vez constatado que Lima Barreto, ou melhor, que sua obra dialoga com escritores consagrados, renomados e integrantes da tradição literária, tais como, Leon Tolstói, Dostoiévski, Turguênief e outros, automaticamente, reforça-se a qualidade da obra e do projeto literário barretiano. As relações literárias do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) despertam interesse por sua obra, pois algumas são negadas veementemente, outras assumidas sem reservas. Acredita-se que isso se dê devido à postura direta e coerente do escritor entre o que pregava e o que fazia. Constata-se que, dentre as relações literárias explicitadas em toda a obra barretiana, as que mais se destacam são as relacionadas aos escritores russos, principalmente a Dostoiévski e Leon Tolstói.

Desse modo, é importante fazer a contextualização do escritor Lima Barreto no campo literário da virada do século XIX, isso conforme a teoria de Pierre Bourdieu de que, na concepção do fato literário o *dito* e o *dizer*, o texto e seu contexto são indissociáveis. Isto é, pensar o surgimento de uma obra num tempo e num local determinado. Para isso, Pierre Bourdieu criou os conceitos de *campo* e *habitus*, por meio dos quais se pretende refletir sobre as relações literárias de Lima Barreto, questão abordada por Sérgio Miceli no estudo que analisa a trajetória de literatos atuantes na República Velha e no período Vargas.

Engana-se quem ainda atribui ao escritor o adjetivo de “desleixado”, tal como a crítica da época o classificou no início de sua atividade literária, em 1905. A visita ao arquivo barretiano (leia-se *Coleção Limana*, conforme chamava o escritor sua biblioteca) mostra-nos o quanto o escritor já se preocupava com os princípios que norteariam sua produção literária, buscando uma forma de inscrever-se no universo literário e, assim, na história, ao lado de

grandes homens. Tal como na presente pesquisa, que o coloca ao lado de um dos maiores gênios da literatura mundial, Leon Tolstói.

Segundo Maria Zilda F. Cury (1993, p. 78), “[...] fazer falar as *fontes* é voltar o olhar para as ruas das cidades em cujos calçamentos ainda ressoam os passos de escritores e intelectuais e os seus sonhos de mudança”. Assim, entrar em contato com o arquivo de Lima Barreto nos leva a rever o universo ficcional do escritor com suas angústias e sofrimentos e a reconstruir os caminhos percorridos por ele para a produção de suas obras, principalmente os subúrbios do Rio de Janeiro, que parecem estar vivos na obra barretiana. Ainda, de acordo com Cury, com a ida ao arquivo de Lima, busca-se “[...] repensar o lugar da crítica e para reviso da história da literatura” (CURY, 1993, p. 78).

Além dessa breve apresentação, a pesquisa estrutura-se em quatro capítulos, descritos a seguir.

O primeiro capítulo procura contextualizar o escritor Lima Barreto no campo literário, político e social, da virada do século XIX, momento em que o escritor estreia na literatura. Enfatizando, sobretudo, o campo literário e suas relações literárias. Não obstante, isso não quer dizer que um campo seja mais importante que o outro, pois, segundo Pierre Bourdieu, todos os campos contribuem e influem de igual modo no resultado da obra. Em um segundo momento, abordar-se-ão os trabalhos já existentes que tiveram como objeto de estudo o escritor Lima Barreto, com o intuito de situá-lo no contexto comparatista. Inclui-se a manifestação da crítica inicial sobre o escritor, que o avaliou pelo viés do confronto comparativo – ainda que seja uma simples aproximação – uma vez que as manifestações críticas restringiam-se às alusões e paralelismos, sem, de fato, aplicar os conceitos teóricos relativos ao contexto comparatista. Dessa forma, tem-se o viés comparativo entre Lima Barreto e os seguintes escritores: Machado de Assis; os contemporâneos: Euclides da Cunha e Coelho Neto, e Lima Barreto e os escritores russos: Dostoiévski e Leon Tolstói.

No segundo capítulo, tratar-se-á da presença de Leon Tolstói no Brasil e, conseqüentemente, como se deu a recepção do escritor russo. Principalmente, investigar-se-á de que forma, e como, Leon Tolstói era lido, no Brasil, na virada do século XIX. Ressalta-se que Lima Barreto teve contato com as obras de Leon Tolstói traduzidas da língua francesa e, principalmente, com as traduções que estavam disponíveis no Brasil naquele período. Pretende-se traçar também uma visão geral sobre o escritor Leon Tolstói e, para isso, recorrer-se-á a aspectos biográficos, autobiográficos e à fortuna crítica, enfatizando-se questões, como: quem foi o homem e o artista, e o que ele realizou, não só para o povo russo, como para toda a Humanidade. Utilizamo-nos das palavras de Boris Schnaiderman, um dos maiores estudiosos

da literatura russa, no Brasil, para demonstrar sua percepção da obra desse grande escritor russo, melhor dizendo, desse “gigante” russo: “Multiforme e riquíssima, fascinante sempre, a obra de Tolstói continua a afirmar que uma vida humana é insuficiente para apreciá-la em toda a sua profundidade” (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 8).

O terceiro capítulo centrar-se-á nas concepções de arte de Lima Barreto e Leon Tolstói, nos pressupostos estéticos e na participação de ambos no ideário anarquista. Pretende-se abordar os principais temas, em comum, tratados pelos escritores, tais como: a Igreja, O Estado, a propriedade, o serviço militar obrigatório, a mulher, entre outros. Desse modo, ater-se-á à apresentação de dois textos que sintetizam as ideias literárias de cada um dos escritores referidos. O primeiro, “*O Destino da literatura*”, de Lima Barreto, tido como o “testamento literário” e “profissão de fé” do escritor, no qual ele demonstra a fidelidade aos seus princípios estéticos. Escrito em 1921, por ocasião de um convite do médico e amigo, Dr. Ranulfo Prata, para que ele fizesse uma conferência literária em Mirassol do Oeste, uma cidadezinha no interior paulista, nas proximidades de São José do Rio Preto. O segundo, “*O que é a Arte?*” (1897), de Leon Tolstói, um dos ensaios mais polêmicos do escritor e o que levou mais tempo a ser concluído. O texto tolstoiano provocou um grande debate entre os intelectuais e os artistas, não só pelas ideias polêmicas apresentadas, que se chocavam com as novas propostas estéticas, mas, também, por trazer à tona um outro questionamento em relação à arte que continua pertinente: o de “[...] determinar sua função, sua relação com a sociedade” (FABRIS, 1994, p. 18). Ambos foram selecionados, por reunirem a essência das ideias dos respectivos escritores sobre arte e literatura.

O quarto e último capítulo têm, como objetivo, o confronto literário entre os dois escritores Lima Barreto e Leon Tolstói, e uma análise na perspectiva comparativista, com o objetivo de demonstrar a influência da concepção tolstoiana de arte na produção artística barretiana. Uma questão de fundamento relevante assume evidência, qual seja a de demonstrar – por intermédio de uma investigação aplicada à linguagem literária exercitada pelo discurso barretiano – o caráter de consciência de execução de um procedimento criativo-literário próprio e adaptado às condições e referências nacionais. Afasta-se, dessa forma, da influência no âmbito da mera transcrição, para elevar-se à condição de plenitude original que – a despeito da crítica, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à expressão –, o fez captar e exercitar o novo na Literatura Brasileira do período. Para isso, verificar-se-ão mediante os possíveis cruzamentos entre os textos, as confluências e divergências, isto é, as semelhanças e diferenças entre a concepção de arte de Lima Barreto e a de Leon Tolstói. Em primeiro lugar, recorrer-se-á às concepções de arte de cada escritor para verificar se,

realmente, as características da arte apregoadas por Leon Tolstói em *O que é a Arte?*, são as mesmas apontadas por Lima Barreto. Principalmente, ao que se refere à função social da literatura, ao procedimento de singularização da linguagem, à forma como cada escritor “desmistifica” a poética romântica, as semelhanças de estilo literário entre ambos e a presença de temas recorrentes em um e outro.

Como se vê, o escritor Lima Barreto não fugiu ao seu destino: “[...] que me importa o presente! No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens” (BARRETO, 1956, v. XIII, p. 68). E, mesmo que lhe custasse uma vida inteira, se os “verdadeiros homens” são aqueles que lutam por um ideal, agem em conformidade com o que falam e não se rendem às intempéries da vida: eis Lima Barreto, o “verdadeiro homem”.

CONCLUSÃO

Esta tese, desde o início, teve por objetivo adentrar a um campo de reflexão que tem muito a contribuir para a compreensão da obra de Lima Barreto, pois alguns estudiosos já tinham alertado para a aproximação entre ele e os escritores russos. Todavia, ficaram na fase de apontamentos, talvez em função do tempo que uma pesquisa como esta requer ou porque não perceberam, de fato, o escritor Lima Barreto como páreo comparativo para os escritores russos, principalmente, para o aristocrata Leon Tolstói, “o grande escritor da terra russa”. Se a esta tese faltava, antes, seu ineditismo, aí está: a aproximação de Lima Barreto a Leon Tolstói através da concepção de arte de ambos. Com isso, a afirmação de Lima Barreto: “Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande” (*Diário Íntimo*, 1904), pode, por fim, ser confirmada, realmente, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, ao ficar lado a lado com Leon Tolstói, tornou-se grande na literatura brasileira.

Vale ressaltar que a recepção dos romancistas russos, no Brasil, deu-se por via francesa, em sua maior parte. E é preciso levar em consideração o tempo que era necessário para que as novidades de Paris chegassem ao Rio de Janeiro, embora se tivesse a impressão de que entre Rio e Paris houvesse conexão direta, na virada do século. No que se refere ao tempo, destaca-se que, na época de Leon Tolstói, usava-se, na Rússia, o calendário juliano, que, durante o século XIX, era doze dias atrasados em relação ao gregoriano, usado no Ocidente; e, no século XX, treze dias atrasados. A Rússia adotou o novo estilo, em 1918, após a revolução bolchevique. Esse dado é importante para quem se propõe a pesquisar os romancistas russos, principalmente se considerarmos a questão da tradução.

Outro fator que também se faz importante refere-se ao modo como os russos dirigem-se uns aos outros e falam formalmente de outras pessoas utilizando seus primeiros e patronímicos nomes. Desse modo, todos, com exceção dos parentes e amigos próximos, tratariam a condessa Tolstói por “Sofia Andreievna”, querendo dizer “Sofia, filha de Andrei”. Enquanto Leon Tolstói era “Leon Nikolaievich”, “Leon, filho de Nikolai”. “Ovich” e “ievich” e “ovna” e “ievna” são, em russo, as terminações patronímicas masculinas e femininas, respectivamente. Empregam, também, o diminutivo dos primeiros nomes quando falam de ou se dirigem a parentes ou amigos íntimos. Nesse caso, Alexandra vira “Sasha”, Maria é “Masha”, Leon torna-se “Liovochka” e Sofia “Sonia”. Esses procedimentos são especificidades do russo e, aos poucos, o leitor não encontra mais dificuldades.

Apesar de conferir autenticidade à afirmação de Pierre Bourdieu de que: “o julgamento da história que será o último julgamento da obra e do autor já está comprometido no julgamento do primeiro leitor, e a posteridade deverá contar com o sentido público que os contemporâneos lhe terão legado” (BOURDIEU, 1968, p. 113); espera-se que este trabalho tenha conseguido obscurecer, se não no todo, pelo menos em parte, o julgamento da crítica literária inicial da obra de Lima Barreto, visto ela não ter percebido o caráter inovador da obra barretiana: uma linguagem esteticamente revolucionária se confrontada aos padrões vigentes na virada do século XIX. Isso porque renegou a poética romântica e a estética da “arte pela arte”. Além disso, contrariou o culto à linguagem acadêmica em vigor, que tinha por maiores representantes: Machado de Assis, Rui Barbosa e Graça Aranha. De início, Lima Barreto foi, em grande parte, avaliado em contraponto a esses escritores, mas, sobretudo a Machado de Assis, que se tornou seu maior adversário na literatura brasileira; talvez, em função da maneira explícita com que Lima Barreto o criticava ou, ainda, pela oposição ferrenha implantada entre os dois estilos, pela crítica literária. Um, o escritor oficial; o outro, o escritor maldito.

Tem-se observado que a avaliação crítica é resultado do contexto histórico social em que o crítico está inserido e, em função disso e com o passar do tempo, sofre alterações. Desse modo, hoje, a avaliação que se tem é que Machado de Assis não é mais o escritor oficial; muito menos, Lima Barreto é somente o escritor maldito. Constatou-se que o embate crítico entre os escritores Lima Barreto e Machado de Assis sofreu alterações, sobretudo, entre a crítica inicial que se manifestou em periódicos e a crítica que resultou de trabalhos acadêmicos. O primeiro grupo com Tristão de Atayde, José Oiticica, Austregésilo de Ataíde, Vitor Viana, Jackson de Figueiredo; o segundo, com Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Bosi e Álvaro Marins. Em geral, apontaram a presença da caricatura, da sátira, do humor e da ironia nos dois escritores. Mas, o principal fator de contraste apontado foi o estilo, especialmente, quanto à correção gramatical, pois vira, apenas, o descuido com a linguagem, o aspecto panfletário e o abuso do traço caricatural nas avaliações feitas.

A despeito de a mudança ter ocorrido de forma lenta e gradual, registrou-se que, com a avaliação crítica que resultou de trabalhos acadêmicos, a obra barretiana, antes classificada negativamente de memorialística e autobiográfica, passa a ser avaliada positivamente por isso. O que demonstra que, aos poucos, a obra e o escritor Lima Barreto ocupam seu lugar na literatura brasileira. Principalmente, se compararmos a recepção crítica que tiveram os contemporâneos do escritor Lima Barreto, tais como: Coelho Neto, Euclides da Cunha e o quadro atual desses escritores na literatura brasileira. Desse modo, o

comparativismo literário proporcionou uma (re)leitura de Lima Barreto, na qual se pode mostrar que o escritor não somente leu os escritores russos como os recriou a partir de sua leitura. Compreendendo, ao modo de Jorge Luis Borges, no ensaio intitulado “Kafka e seus precursores”, que “o texto novo, o que subverte a ordem estabelecida, o que impulsiona a tradição e obriga a uma releitura desta é o que se converte em ponto de referência obrigatório e fundamental, não importando a localização em que se encontra no sistema literário” (CARVALHAL, 1999, p. 65).

No Brasil, a recepção de Leon Tolstói, “o grande escritor da terra russa”, deu-se de forma bastante positiva, podendo-se mesmo dizer que se equiparou à recepção francesa. Entre os que ficaram entusiasmados com o autor de *Guerra e Paz*, além de Lima Barreto, encontram-se: José Veríssimo, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. Ao que consta, esses leitores tiveram acesso às obras de Leon Tolstói através das traduções francesas. E, também, ao Leon Tolstói “niilista e místico”, perpassado pela recepção de E. M. de Vogué, do *Le roman russe* (1886), um admirador declarado de Leon Tolstói e um dos primeiros a perceber que “os romancistas russos, a Rússia, pela primeira vez, antecipou o movimento do Ocidente, ao invés de segui-lo” (VOGUÉ, 1950, p. 18). Além disso, conforme Gomide, os franceses, ao traduzirem os romancistas russos, fizeram com que eles parecessem mais amenos, literariamente falando. Desse modo, ressalta-se que o Leon Tolstói com o qual estamos trabalhando e aquele que Lima leu, é o Leon Tolstói resultante das traduções francesas, isto é, traduções de segunda mão do russo. Esse é um problema que se enfrenta até hoje, isto porque falta muito para que as traduções diretas do russo atinjam um número razoável.

Após análise, verificou-se, também, que a aproximação de Lima Barreto ao escritor russo Dostoiévski aparece em maior proporção do que a Leon Tolstói, tanto nas avaliações críticas encontradas, quanto nas referências do próprio Lima. Não obstante, o que realmente se destacou foi a semelhança entre a concepção de arte de Lima Barreto e Leon Tolstói, pelo posicionamento emblemático que ambos apresentam ao tratar da literatura. O primeiro, em “O destino da literatura” e, o segundo, em *O que é Arte?*. Constatou-se, assim, que a obra barretiana apresenta terreno fértil para o diálogo com a concepção de arte tolstoiana e esse diálogo encontra-se desde o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que foi o primeiro a ser escrito, até *Cemitério dos Vivos*.

Pode-se concluir, diante de tais considerações, que a obra de Leon Tolstói, escritor e profeta, foi lida, assimilada e transformada por Lima Barreto, visto que o estilo barretiano ficou impregnado de elementos oriundos dessa fonte literária, não apenas de um único modo, mas em diferentes manifestações, conforme demonstrado nos confrontos literários efetuados.

Vê-se que, ao aprofundar a análise da concepção de arte de Lima Barreto, paralela a de Leon Tolstói, mais se compreende a função militante de literatura tão bem empenhada por Lima Barreto. E, para que fosse colocado em prática, o escritor se empenhou na busca de clareza, simplicidade, singularidade para o texto literário e, ainda, uma boa dose de sentimento do criador: escritor, no ato da criação. Isso tudo para que a arte exercesse sua real função social que é a comunicação, ligação e comunhão entre os homens. A admiração literária pelos escritores russos, em Lima Barreto, é fato notório na obra barretiana, visto que extrapola a referência feita a eles.

No texto, “O destino da literatura” (1921), de Lima Barreto, encontra-se uma síntese do pensamento estético literário do autor, no qual reflete sobre o papel da arte, principalmente, o papel da literatura. Embora, o escritor tenha refletido sobre a arte na maioria de suas obras, esse texto é o que apresenta de modo sistematizado suas preocupações literárias e, por se tratar de uma conferência literária, exigiu maior poder de síntese do escritor. Nesse texto, formulou questões importantes sobre a arte: “Em que pode a Literatura, ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?” (BARRETO, 1956, v. XIII, p. 55-56).

Pode-se dizer que questões, como essa, constituem a essência do texto *O que é Arte?* (1908), de Leon Tolstói, que passou, segundo o próprio escritor, praticamente, quinze anos refletindo, escrevendo e reescrevendo sobre isso. Em busca de uma arte engajada, em prol do social ou, ainda, uma arte militante, observou-se que os escritores desempenharam o papel de “semeador de ideias” e de “batedor do futuro”, ao se posicionarem contrários aos “mandarins literários”. Somado a isso, opondo-se, também, à estética da “arte pela arte”, à poética romântica e ainda à estética simbolista-parnasiana. Os autores voltaram-se para uma transformação social através da literatura e, para isso, trouxeram para a criação literária uma linguagem mais simples, capaz de atingir o maior número de pessoas e não somente um grupo seletivo.

Em um primeiro momento, a busca da simplicidade na linguagem literária fez com que os escritores, Leon Tolstói e Lima Barreto, defendessem muito mais o conteúdo do que a forma literária. Porém, após as análises empreendidas nas respectivas obras, constatou-se que tanto um quanto o outro demonstraram preocupação com a forma literária. Ambos conseguiram transferir: clareza, simplicidade e singularidade para o texto literário. Desse modo, muitos críticos avaliaram esse novo jeito de fazer literatura como não-arte, não-literatura.

Como resultado da análise da linguagem literária de cada um dos escritores, observou-se que ambos foram contra os moldes literários vigentes, principalmente, quanto à forma como cada escritor desmistificou a poética romântica. Leon Tolstói e Lima Barreto renegaram o culto ao herói romântico que centralizava toda a ação do romance e era protegido por algo sobrenatural e, em seu lugar, colocaram um herói problemático, que sofre, engana-se e, nem sempre, acerta, como qualquer outro personagem.

Ao se estabelecer um paralelo entre as ideias estéticas de Lima Barreto e Leon Tolstói, constatou-se a presença de pontos em comum. Principalmente, no que se refere à ideia de uma arte voltada para o social ou, ainda, uma “arte democrática”. Lima Barreto, com certeza, viu nessa proposta uma solução não só para o seu caso em particular, de escritor negro, pobre, mas para todos os desprivilegiados, sem distinção de modo algum. Até porque a situação dos escravos recém libertos, após a abolição da escravidão aqui no Brasil, em muito se assemelhava à condição dos servos russos. Daí o fato de que, no Brasil, a recepção dos escritores russos, com ênfase em Leon Tolstói, tenha ocorrido pelo viés do ideário anarquista, uma vez que perceberam, na doutrina de Leon Tolstói, as soluções para os problemas brasileiros: a questão da miséria e a organização do trabalho, após o fim oficial do regime escravagista. Por lutarem por uma arte voltada para o social ou ainda uma “arte militante”, conforme Lima Barreto, ambos se posicionaram sobre questões importantes para a sociedade de modo bastante semelhante. Entre essas questões, refletiram sobre: a situação da mulher na sociedade, o Estado, a propriedade, a Igreja, o serviço militar obrigatório, a guerra, entre outros.

Nas análises empreendidas, constatou-se que Lima Barreto se identificou com as ideias libertárias de Leon Tolstói e, também, com a transformação político-social sofrida pela Rússia, daí o fato de ter refletido e analisado com detalhes a revolução russa. O autor chegou mesmo a desejar que tal movimento acontecesse de igual modo no Brasil: “Precisamos deixar de panacéias; a época é de medidas radicais” (BARRETO, 1956, v. IX, p. 73). Medidas radicais, pelo visto, sempre fizeram parte da trajetória pessoal e literária do escritor, pois, ao optar pelo romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* para sua estreia nas letras, o fez de modo consciente. Demonstrou ser radicalmente coerente com suas ideias políticas, sociais e literárias, jamais colocando sua caneta a serviço dos poderosos, embora a tenha usado, sem restrições, para a transformação social que almejava realizar utilizando a arte literária.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Obras de Lima Barreto, organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 v.

- I - *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. [romance]
- II - *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Prefácio de M. de Oliveira Lima. [romance]
- III - *Numa e a Ninfa*. Prefácio de João Ribeiro. [romance]
- IV - *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. [romance]
- V - *Clara dos Anjos*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. [romance]
- VI - *Histórias e sonhos*. Prefácio de Lúcia Miguel Pereira. [sátira]
- VII - *Os bruzundangas*. Prefácio de Osmar Pimentel. [sátira]
- VIII - *Coisas do Reino do Jambom*. Prefácio de Olívio Montenegro. [sátira]
- IX - *Bagatelas*. Prefácio de Astrojildo Pereira. [artigos]
- X - *Feiras e Mafuás*. Prefácio de Jackson de Figueiredo. [artigos e crônicas]
- XI - *Vida urbana*. Prefácio de Antônio Houaiss. [artigos e crônicas]
- XII - *Marginália*. Prefácio de Agrippino Grieco. [artigos e crônicas]
- XIII - *Impressões de Leitura*. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. [crítica]
- XIV - *Diário Íntimo*. Prefácio de Gilberto Freyre. [memórias]
- XV - *O cemitério dos vivos*. Prefácio de Eugênio Gomes [memórias]
- XVI - *Correspondência ativa e passiva*. 1º tomo. Prefácio de Antônio Noronha.
- XVII - *Correspondência ativa e passiva*. 2º tomo. Prefácio de B. Quadros.

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

BARRETO, Lima. *O Subterrâneo do morro do castelo: um folhetim de Lima Barreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dante, 1997.

_____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

BIBLIOGRAFIA SOBRE LIMA BARRETO

AIEX, A. *As idéias sócio-literárias de Lima Barreto*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

ALMEIDA, A. M. *Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira*. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

ANTONIO, J. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ATAÍDE, A. de. “Trecho da iniciação literária”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1949.

ATAIDE, T. Lima Barreto. In: BARRETO, L. *Lima Barreto Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 58-64.

ATHAYDE, T. de. Um discípulo de Machado. *O Jornal*, 1919.

BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)* 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.

BOSI, A. A literatura brasileira. (Vol. V) *O pré-modernismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. O romance social: Lima Barreto. In: _____. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 355-365.

BRAYNER, S. Lima Barreto: mostrar ou significar? In: _____. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p. 145-176.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 39-50.

CANDIDO, A. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.

COUTINHO, C. N. O intimismo deslocado à sombra do poder. *Cadernos de Debate*, São Paulo, n. 1, 1976.

_____. O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira. In: COUTINHO, C. N. et al. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 1-13.

CURY, M. Z. F. *Um mulato no reino de Jambom*. (As classes sociais na obra de Lima Barreto). São Paulo: Cortez, 1981.

FANTINATI, C. E. *O profeta e o escrivão*; estudo sobre Lima Barreto. São Paulo: ILPHA-HUCITEC, 1978.

FIGUEIREDO, C. L. N. de. *Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. *Trincheiras de sonho*: ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

FIGUEIREDO, J. Impressões literárias. *Lusitana*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 48-50, 10 jun. 1916.

FIGUEIREDO, M. do C. L. *O Romance de Lima Barreto e sua recepção*. Belo Horizonte: Ed. LÊ, 1995. (Coleção Letras).

LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

_____. Não Silenciou Sobre o Seu Tempo. In: _____. *Do ideal e da glória*: problemas inculturais brasileiros. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1977. p. 171-183.

MADEIRA, M. A. Lima Barreto e o romance russo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XX. Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, 1996.

MAGNONI, M. S. Lima Barreto dialoga com a concepção de arte de Leon Tolstói. *Teresa* – *Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, FFLCH/USP, n. 2, p. 207-215, 2001, p.207 – 215.

_____. *Um Dissidente na República das Letras*: As Idéias Libertárias em Lima Barreto. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

MONTENEGRO, O. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MORAIS, R. *Lima Barreto*. O elogio da subversão. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OAKLEY, R. J. 'Alfa e Ômega: *Clara dos Anjos*, um romance revisitado'. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 set. 1991.

_____. *The case of Lima Barreto and realism in the Brazilian 'Belle Epoque'*. [s.l.]: [s.n.], 1998.

_____. Triste Fim de Policarpo Quaresma: passado, presente e futuro. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Orgs.). *Triste Fim de Policarpo Quaresma/Lima Barreto*: edição crítica. Madri: ALLCA XX; Scipione Cultural, 1997. p. 286-292.

_____. Triste Fim de Policarpo Quaresma and the shadow of spencerism. In: HOUAISS, A.; FIGUEIREDO, C. L. N. de (Orgs.). *Triste Fim de Policarpo Quaresma/Lima Barreto*: edição crítica. Madri: ALLCA XX; Scipione Cultural, 1997. p. 576-591.

OLIVEIRA LIMA, M. de. Prefácio. In: BARRETO, L. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. II. p. 9-13.

PENTEADO MARTHA, A. A. *E o Boêmio, quem diria acabou na academia* (Lima Barreto: inventário crítico). 1995. Tese (Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1995.

PEREIRA, A. *Crítica impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. Romancistas da cidade: Macedo, Manuel Antônio e Lima Barreto. In: _____. *O romance brasileiro*. (de 1752 a 1930). Coordenação de Aurélio B. de Hollanda. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952. p. 37-73.

PEREIRA, L. M. Prenúncios modernistas: Lima Barreto. In: _____. *História da Literatura Brasileira*. Prosa de ficção – de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. p. 272-304.

PRADO, A. A. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PROENÇA, M. C. Prefácio. In: BARRETO, L. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. XIII.

RABASSA, G. *O negro na ficção brasileira* (meio século de história literária). Tradução de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RESENDE, B. Lima Barreto: A opção pela Marginalia. In: SCHWARZ, R. (Org.). *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 73-78.

_____. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

ROSENFELD, A. A Obra Romanesca de Lima Barreto. In: _____. *Letras e Leituras*. São Paulo: Perspectiva; Edusp; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. p. 117-135. (Debates, 260).

SANTIAGO, S. Fechado para balanço (sessenta anos de modernismo). In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 75-93.

_____. O intelectual modernista revisitado. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 165-175.

_____. Uma ferroada no peito do pé. In: _____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Lima Barreto. Edição Crítica. São Paulo: ALCCA XX/Scipione Cultural, 2000. p. 530-544.

SCLIAR, M. *Policarpo Quaresma: Triste Fim, gloriosa permanência*. In: _____. *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. Cidade: São Paulo: SENAC/SP, 2001. p. 101-118.

SEVCENCKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, H. P. da. *Lima Barreto: Escritor Maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. (Coleção Retratos do Brasil, 151).

SILVA, M. da. *A Hélade e o Subúrbio: Confrontos Literários na Belle Époque Carioca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VASCONCELLOS, E. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VALENÇA, R.; RESENDE, B. (Orgs.). *Toda crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 2.

OBRAS DE LEON TOLSTÓI

TOLSTÓI, L. *Diários íntimos*. Tradução de Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, s/d. 331p.

_____. *Obra Completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993. 3v.

_____. *O que é a arte?* Tradução de Yolanda Steidl de Toledo e Yun Jung Im. São Paulo: Experimento, 1994.

TOLSTÓI, L. *Leão Tolstói. Gigantes*. Versão portuguesa de João Maia. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. 135p.

_____. *Memórias*. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Global, 1983.

BIBLIOGRAFIA SOBRE LEON TOLSTÓI

BEVILACQUA, C. Naturalismo russo – Dostoievsky. In: _____. *Épocas e individualidades: estudos literários*. 2. ed. Recife: Livraria Quintas, 1889.

BIRYUKOV, P; TOLSTOI, L. *Tolstoi's love letters*. Translated by S.S. Kotliansky and Virginia Woolf. Published by Leonard & Virginia Woolf at the Hogarth Press, Paradise Road, Richmond, 1923. United States: Kessinger Publishing's Rare Reprints, Paperback.

BLOOM, H. *Leo Tolstoy*. Broomall: Chelsea House Publishers, 2003.

CRESSON, A. *Leon Tolstoi: sa vie, son oeuvre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950. 140p.

DUPUY, E. *Tolstoi: a master of Russian Literature in the nineteenth Century* by Ernest Dupuy. United States: Kessinger Publishing's Rare Reprints, Paperback, Dec. 2005.

FILLOUX, J.-C. *Tolstoi pedagogue*. Paris: PUF, 1996. 126p.

FRANK, J. *Pelo prisma russo: Ensaio sobre Literatura e Cultura*. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

GILLÉS, D. *A vida de Tolstoi*. Tradução de João Pedro de Andrade. Lisboa: Editorial Estúdios Cor Ltda, 1962.

GOMIDE, B. B. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. 2004. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GORFINKEL N. *Tolstoi sans Tolstoïsme*. Paris: Seuil, 1964.

GORKI, M. *Tolstoi*. Tradução de Rubens Pereira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Três russos e como me tornei um escritor*. Tradução de Clara Gourianova. 1. ed. São Paulo: Martins, 2006. (Coleção Prosa).

JOHNSON, P. *Os intelectuais*. Tradução de André Luiz Barros da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

JUARES, J. Leon Tolstoi: conferência dada em Tolosa, el 10 de febrero de 1991. *Humanidad Nueva - Revista mensual, Sociología, Arte, Educación*, Buenos Aires, p. 298-338, 1991.

LOBATO, M. Carta de 27 jun. De 1909. In: _____. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Nacional, 1948.

MANN, T. *Ensaio*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. *Goethe et Tolstoi*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1967.

MEREJKOWSKI, D. *Tolstoi as man and artist*. Westport: Greenwood Press Publishes, 1902.

MAUDE, A. *Leo Tolstoy*. New York: Haskell House Publishers Ltda, 1975.

_____. *Tolstoy and his problems*. Second Edition. London: Grant Richards, 1902.

PARINI, J. *A última estação*. Os últimos dias de Tolstoi. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PILOTO, V. *Tolstoi e os caminhos da redenção*. Curitiba: M. Roesner, 1965. 241 p. (Biografia de Literatos).

ROLLAND, R. *Vie de Tolstoi*. Paris: Librairie Hachette, 1911.

RONAI, P. Introdução. In: TOLSTOI, L. *A morte de Ivan Ilich e Amo e servidor*. Tradução de Gulnara Lobato de Moraes Pereira. São Paulo: Saraiva, 1963. (Coleção Saraiva, 184)

SCHNAIDERMAN, B. *Leão Tolstoi*. Antiarte e rebeldia. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Encanto Radical).

SHIRER, W. L. *Amor e ódio: o casamento tumultuado de Sônia e Leon Tolstoi*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

STEINER, G. *Tolstoy or Dostoievsky*. Londres e Boston: Faber and Faber, 1980.

_____. *Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o velho criticismo*. Tradução de Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TOLSTÓI, L. A violência das Leis. In: WOODCOCK, G. Os Grandes Escritos Anarquistas. Tradução de Júlia Tettamanzy e Betina Becker. Porto Alegre: LP&M, 1981.

TOLSTOI, T. *Tolstoi, meu pai: (Recordações)*. Tradução de Lia Corrêa Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. (Coleção Vidas Extraordinárias).

TROIAT, H. *Tolstoy*. Translated from de French by Nancy Amphoux. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1967.

TURNER, C. *Count Tolstoi as novelist and thinker*. (Kessinger Publishing's Rare Reprintes) London: Trübner & CO., 1888.

VERÍSSIMO, J. Tolstoi. In: _____. *Homens e cousas estrangeiras*. (1899-1900). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. p. 218-254.

VOGUÉ, M. *O romance russo*. Tradução de Brito Broca. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1950. 271p.

ZWEIG, S. *Pensamento vivo de Tolstoi*. São Paulo: Martins, 1976.

_____. *Tolstoi*. Tradução de Ítala Graça. Rio de Janeiro: Guanabara, 1935.

WASIOLEK, E. *Tolstoy's major fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.

WILSON, A. N. *Tolstoy: a biography*. New York: W. W. Norton & Company, 1988.

BIBLIOGRAFIA SOBRE LITERATURA RUSSA

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BALACHÓV, N. I. *Estruturalismo: Russos x Franceses*. Tradução e Organização de Aurora F. Bernardini. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Coleção Elos, 30).

BERLIN, I. *Pensadores russos*. Introdução de Aileen Kelly; Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CHIAMPI, I. (Org.). *Modernidade na Literatura Russa*. São Paulo: Ática, 1991.

CHOSTAKOWSKY, P. *História da Literatura Russa*. Desde as origens até os nossos dias. Tradução de Paulo Bittencourt. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

CUNHA, E. da. A missão da Rússia. In: _____. *Contrastes e confrontos*. 9. ed. Porto: Lisboa, Ed. Lello & Irmão, 1904. p. 101-108.

EICHENBAUM, B. et al. Sobre as crises de Leão Tolstói. In: GÓRKI, M. *Leão Tolstói*. Tradução de Rubens Pereira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1983.

_____. *Teoria da Literatura*. Formalistas Russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

FABRIS, A. *A teoria estética de Tolstoi*. Introdução “O que é a Arte?” de L. Tolstoi. São Paulo: Experimento, 1994.

FENERICK, J. A. *O anarquismo literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro. 1900-1920*. 1997. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Departamento de História, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1997.

FORNONI, A. B. A Modernidade na Literatura Russa. In: CHIAMPI, I. (Org.). *Fundadores da Modernidade*. São Paulo: Ática, 1991. p. 157-182.

FRANK, J. *Dostoievski: as sementes da revolta. 1821-1849*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

_____. *Dostoievski: os anos milagrosos. 1865 a 1871*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. *Dostoievski: os efeitos da libertação. 1860 a 1865*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. *Pelo prisma russo: Ensaio sobre Literatura e Cultura*. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

GATTO, E. L. *História da Literatura Russa*. Tradução de João Pedro de Andrade. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.

GERHARD, M. *A Literatura Russa*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956.

GOMIDE, B. B. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. 2004. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GÓRKI, M. *Leão Tolstói*. Tradução de Rubens Pereira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1983.

GUNTHER, J. *A Rússia por dentro*. Tradução de Lino Vallandro, Flávio Vellinho de Lacerda e Gilberto Miranda. Rio de Janeiro: Globo, 1959.

KALLINIKOW, J. *A Tragédia sexual de Leão Tolstoi*. Tradução de Fernando de Araújo Lima. Porto: Livraria Figueirinhas, s/d.

MATHEWSON, R. et al. *Conflito e Controle na Literatura Soviética*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.

MELETÍNSKI, E. M. *Os Arquétipos Literários*. 2.ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero F. de Andrade e Arlete Cavalier. Cotia: Ateliê, 2002.

MIRSKI, D. S. *A history of Russian literature*, comprising a history of Russian literature and contemporary Russian literature. London: Routledge and Kegan Paul, 1949.

_____. *Histoire de la Littérature Russe*. Paris: Fayard, 1969.

_____. *Prince, 1890-1939*. Uncollected writings on Russian literature. Bekerley: Bekerley Slavic Specialties, 1989. (Modern Russian Literature and Culture, Studies and Texts, v. 13).

REIS FILHO, D. A. *A Revolução Russa: 1917-1921*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHNAIDERMAN, B. *Caderno de Literatura e Cultura Russa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. n. 1.

_____. *Dostoievski: Prosa Poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Os escombros e o mito: a cultura e fim da união soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Projeções: Rússia/Brasil/Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Coleção Elos, 12).

_____. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoievski e Backtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SHIPLER, D. K. *Rússia na Intimidade*. Tradução de Luís Horácio da Matta. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

SHUR, L. A. *Relações Literárias e Culturais entre Rússia e Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Elos, 32).

TROTSKI, L. *A Revolução Permanente na Rússia*. Tradução de Campos e J. Cabral Fernández. 1. ed. Lisboa: Edições Antídoto, 1977. n. 15.

_____. *Literatura e revolução*. Tradução de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. 254p.

VOGUÉ, M. *Le roman russe*. Lausanne: Editions L'Age d'Homme, 1971. 355p.

_____. *O romance russo*. Tradução e introdução de Brito Broca. Rio de Janeiro: Editora A noite, [1950]. 271p.

WOODCOCK, G. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários*. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: LP&M, 1983. v.1.

_____. *Os grandes escritos anarquistas*. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981.

BIBLIOGRAFIA SOBRE LITERATURA COMPARADA

CARVALHAL, T. F. A Literatura Comparada na confluência dos séculos. In: CUNHA, E. L.; SOUZA, E. M. de. *Literatura Comparada: Ensaios*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 11-18.

_____. *Literatura Comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

_____. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9-21, mar. 1991.

_____. (Org.). *Literatura Comparada no Mundo: Questões e Métodos*. São Paulo: L&PM Editores, 1997.

_____. (Org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: UNISINOS/IEL, 1996.

_____. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2003.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F.(Orgs.). *Literatura Comparada* (textos fundadores). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CURY, M. Z. F. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscrita*, São Paulo, n. 4, p. 78-93, 1993.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FARIA, N. de. Literatura Comparada ontem e hoje. *Revista de Extensão da UFMS*, Campo Grande/MS, v. I, n. 1, p. 14-20, 1988.

_____. Nacionalismo e Cosmopolitismo. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE LITERATURA COMPARADA, 1., 1987, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1987. p. 97-103.

GOMES, E. *Espelho contra espelho*. São Paulo: Progresso Editorial, 1949. 251 p.

_____. *Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro Pallas; Brasília, INL, 1976. 128 p.

GUYARD, M. F. *A Literatura Comparada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956. Tradução do original francês *La Littérature Comparée*. Paris: P.U.F., 1951. (Coleção “Que sais je?”).

KAISER, G. *Introdução à Literatura Comparada*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1989.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, D. H. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1989. 505p.

NITRINI, S. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

PERRONE-MOISÉS, L. Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia. In: _____. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.

_____. Que fim levou a crítica literária? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 5-9, 25 ago. 1996. Caderno Mais!

REIS, L. de M. A crise da representatividade na arte do século XX e o conto. In: _____. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 76-96.

SOUZA, E. M. de. *A pedra mágica do discurso*. Belo Horizonte: UFMH, 1988. 135p.

_____. *Literatura Comparada – ensaios*. Salvador: EDUFBA, 1996. 155p.

WELLEK, R.; WARREN, A. A Crise da Literatura Comparada. In: _____. *Conceitos de Crítica*. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 244-255.

_____. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ARARIPE JR., T. de A. *O movimento literário do ano de 1893*. Obra Crítica de Araripe Júnior. (Dir. de Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Brasília: MEC, 1958. v. I.

ARARIPE JR., T. de A. *Ibsen (1911)*. Obra Crítica de Araripe Júnior. (Dir. de Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Brasília: MEC, 1958. v. I.

AZEVEDO, S. M. A Trajetória de Machado de Assis: do jornal das famílias aos contos e histórias. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. 3v.

_____. Machado de Assis e a Filosofia: Modos de Leitura. In: MARIANO, A. S.; OLIVEIRA, M. R. D. *Recortes Machadianos*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2008.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1988.

BARBOSA, J. A. *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

_____. “Forma e história da crítica brasileira de 1870-1950”. In: _____. *A leitura do intervalo: Ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990. p. 77-89.

_____. José Veríssimo, leitor de estrangeiros. In: VERÍSSIMO, J. *Homens e Coisas Estrangeiras. 1899-1908*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 11-44.

BASBAUN, L. *História Sincera da República: de 1889 a 1930*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975. v. 2.

BOSI, A. *O pré-modernismo. A Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969. v.5.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Campo Intelectual e Projeto Criador. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, J. et al. *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

BROCA, B. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2004.

_____. Uma obra de grande significação. In: VOGUÉ, M. *O Romance Russo*. Tradução e Introdução de Brito Broca. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1950. p. 5-14.

CAIRO, L. R. V. A geração de 70 do século XIX e a construção da história da literatura brasileira. In: MILTON, H. C.; SPERA, J. M. S. (Orgs.). *Estudos de Literatura e Linguística*. Assis: FCL-UNESP-Assis Publicações, 2001. p. 9-31.

_____. *O salto por cima da própria sombra*. São Paulo: Annablume, 1996. 250p. (Coleção Selo Universidade, 47).

CÂNDIDO, A. Estímulos da Criação Literária. In: _____. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000. p. 41-70.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A Queiroz, 2000.

CARPEAUX, O. M. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1966].

CARVALHAL, T. F. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2003.

CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COMPAGNON, A. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. *O Trabalho da Citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.

COUTINHO, C. N. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: DP7A, 2000.

CRUZ E SOUZA, J. *Obras Completas*. 1924. v. 2.

FULLER, S. *O intelectual: o poder positivo do pensamento negativo*. Tradução de Maria da Silveira Lobo. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2006.

HAUSER, A. *História Social da Literatura e da Arte*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

HOUAISS, A. Prefácio. In: BARRETO, L. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956. v. XI. p. 23.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

_____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional? In: LIMA, L. C. *Teoria da literatura e suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 384-416.

JACOBY, R. Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Trajetória Cultural; Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

LUCAS, F. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MALATESTA, E. *A Anarquia*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

MARGATO, I.; GOMES, R. C. (Orgs). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. Paraná: Francisco Alves, 2002. 2 v.

MICELI, S. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PEIXOTO, A. *Panorama da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

PEREIRA, L. M. *História da Literatura Brasileira*. Prosa de ficção – de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

SAID, E. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise, e o pensamento*. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SOUZA, E M. (Org.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

STAM, R. Dialogismo cultural e textual. In: _____. *Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992. p.72-78.

SUSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VERÍSSIMO, J. *Homens e Coisas Estrangeiras: 1899-1908*. Rio de Janeiro: Toopbooks, 2003.